

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

AVENÇA
VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Teve emoção e beleza a festa de homenagem a José de Pina, o bondoso e ilustre Professor que durante 43 anos honrou, como os que melhor o fizeram, o ensino liceal vimaranesense, e que conta como verdadeiros amigos e admiradores todos aqueles — e tantos foram — que teve como discípulos.

Bem andou a Comissão promotora da homenagem — justa e brilhante sob todos os aspectos — em ter levado a efeito essa consagração, abraçando assim desde a primeira hora, com verdadeiro interesse e carinho, a iniciativa do *Notícias de Guimarães*.

José de Pina, devotíssimo Mestre e Vimaranesense do melhor quilate, tinha inteiro jus à consagração e à auroreola de carinho que sinceramente o envolveu. O bondoso Professor deve guardar terníssima recordação desse dia — porventura o mais feliz da sua vida preciosa, de labor intenso.

O elogio do querido Mestre fica feito nestas colunas através dos discursos brilhantes que nelas inserimos. Dispensamo-nos, por isso, dessa missão. Cabe-nos tão somente assinalar a alegria que nos invadiu e perdura ainda, por termos premiar tão sinceramente a bondade, a virtude e o saber — dons que exornam essa veneranda e admirável figura de Professor e de Artista.

A festa realizou-se no Liceu. De longe e de perto vieram pessoas que ocupam as mais variadas posições na actividade nacional.

Entrada de José de Pina no Liceu marcou pela sinceridade e pelo alvoroço que despertou. O Mestre querido foi quasi disputado pelos seus discípulos, todos na carinhosa ânsia de o abraçarem primeiro. E a nenhum d'elles se esquivou, comovido até às lágrimas. Depois, na passagem para a sala onde se realizou a sessão solene, os estudantes de hoje lançaram ao chão as suas capas negras para que José de Pina as pisasse, como recordação de uma despedida magoada e saudável.

Na Sala de Física, literalmente repleta, o ilustre Chefe do Distrito presidiu à sessão. Tinha a seu lado o homenageado e o Sr. Reitor do Liceu, que foi o primeiro a usar da palavra. Seguiu-se-lhe o antigo aluno e Presidente da Comissão promotora da homenagem, Sr. Dr. Nuno Simões — um sólido valor intelectual, admirado e conhecido. Depois falou o Sr. Dr. David de Oliveira, colega ilustre do homenageado. O Sr. Dr. Eduardo de Almeida fez, a seguir, entrega a José de Pina de um formoso autógrafo e de uma bela fotografia de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, que assim quis testemunhar a sua afeição a aquele que fora seu Mestre. Entregou também ao Sr. Reitor do Liceu a importância de 3.000\$00 destinada à instituição do «Prémio José de Pina», obtida por subscrição entre os antigos alunos. Apresentou ainda a José de Pina as felicitações do Sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, que não pôde comparecer.

Comovidíssimo, o homenageado tentou agradecer, usando da palavra, mas não pôde. Encarregou, por isso, de ler o seu discurso o Sr. Dr. José Clemente Fernandes, Deputado à Assembleia Nacional.

Com palavras de carinho para o Liceu e para o homenageado e de louvor para Guimarães e para todos que contribuíram para o pagamento de uma dívida de gratidão, encerrou a comovida e brilhante sessão o Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira, ilustre Chefe do Distrito.

Na nova Sala do Ginásio — ampla e elegante — foi a seguir servido o almoço de confraternização, a que assistiram duzentos convivas. Antes, porém, do incício, o Sr. Dr. Eduardo

de Almeida pegou ao colo na interessante menina Maria de Fátima e levou-a a descerrar o busto de seu Avô — trabalho admirável de António de Azevedo. A sala irrompeu numa interminável e calorosa salva de palmas. José de Pina e António de Azevedo são nela envolvidos — aquele porque bem mereceu o busto e este porque o esculpiu com inextinguível inspiração e talento.

Enquanto a Orquestra Vimaranesense executava interessantes composições, foi-se servindo o repasto, bom e abundante. A Pensão Império honrou-se.

A certa altura, o velho estudante

— O Escultor Sr. António de Azevedo, que tem continuado a receber muitas e bem merecidas felicitações pelo seu magnífico trabalho, comunicou à Comissão que todos os serviços por si prestados na confecção do magnífico busto foram gratuitos, atitude essa que não deixou de impressionar os componentes da referida Comissão, assim como o próprio Professor José de Pina, pois isso representa uma prova de muito apreço de um Artista para outro Artista.

— O Director Geral do Ensino Secundário, Sr. Dr. Riley da Mota, telefonou ao Sr. Reitor do Liceu, associando-se à homenagem.

que me dirigem uma, feita com carinho no olhar e na voz, é já sacramental: «E o Sr. Pina como vai?»

Estes antigos alunos deram-me sempre a impressão de que tinham pelo seu antigo professor verdadeira estima e apreço, e a principio esta atitude causou-me certa admiração. Um homem tão modesto, que procurava sempre ocultar-se, apagar-se até, que nada fazia para se pôr em evidência, que aparentemente nada tentava para captar as simpatias dos seus alunos, como se compreendia que fosse assim tão geralmente estimado e querido? Mas esta minha admiração não durou muito. O problema não era de

não é de estranhar que o professor fosse muito benévolo e que poucos tenham a lamentar-se de terem sido reprovados por ele. Mas não se imagine que esse procedimento ofendia a justiça.

José de Pina, delicado temperamento de artista, tinha o condão de despertar na alma dos seus alunos quaisquer vestígios de bom gosto que por acaso lá existissem. Aqueles que tivessem vocação para o desenho levava-os a fazer maravilhas.

Ainda me recordo da agradável surpresa que senti há vinte anos quando pela primeira vez, depois de ter conhecido diversos liceus, examinei tra-

Fazendo um sacerdócio da sua missão, honrou a classe a que pertence. Em nome deste liceu, do seu corpo docente e discente, do pessoal de secretaria e menor, eu apresento ao Sr. José Luís de Pina calorosas congratulações e agradecimentos muito sinceros por ter honrado a nossa classe.

O discurso do Sr. Dr. Nuno Simões

Tenho de voltar atrás quasi quarenta anos:

Na memória dos meus mais caros sentimentos juvenis, revejo, de olhos úmidos, o fim de tarde de outono, tão euevoadas de saudades como o meu coração, intranquilo e triste.

Ao alto da escada do internato Seminário-Liceu, meu pai despedia-se de mim, comovido e confiante. Entregava-me a Deus, o Deus a quem, emigrante dos Brasis, ele próprio se apegara também já, na barca que o levava, trinta e sete anos antes, mais saudável ainda do que eu, a tentar vida e fortuna, em terra estranha e, ao tempo, um pouco hostil.

A idade em que ele fóra, contando com Deus e consigo, era quasi a mesma em que me deixava, ali.

Contasse eu também comigo, — dizia-me, — pois os outros que se não importaram d'ele, pouco se haviam de importar de mim. E saíu, reprimindo uma lágrima teimosa, nos olhos, tão euevoados como os meus. Depois, e todo o fim de tarde e pela noite dentro, quando a hora do dormitório chegou, a minha alma flutuou entre a saudade, a dúvida e o medo.

Era outra a vida em que eu entrava. E como seria ela? Que desgraças ou que glórias guardaria para o meu sobro?

Pouco mais de dois meses passados porém, quando o Natal chegou, toda a minha apreensão se tinha desvanecido.

Podia eu já narrar a meu pai, mais confiante e embevecido a ouvir-me, que os meus companheiros eram todos meus amigos, meus amigos os professores, meus amigos os mestres.

Não que não tivesse sofrido alguns gracejos e clufas dos mais antigos do que eu, nos recreios; e algumas partidas, nas *formas*, e algumas dichotes, nos passeios dos domingos.

Não que me não chocasse uma bofetada injusta que levei de um prefeito que, depois havia de ser, como ajuda é, — e Deus o guarde, — um grande amigo. Não que uma traquinice me não houvesse custado uma varada, bem puxada e bem merecida, do Padre Fiuza, meu ruído e expansivo professor de português.

Mas entre os calcoiros como eu, havia rapazes de uma finura de maneiras que me prendia, de uma inteligência que era a minha admiração, de uma bondade que eu desejava para modelo. Lembro dentre esses, dois mortos: Gaspar de Queiroz Cadaval, que prematuramente se entregou, desiludido, à Morte, — admirada de ver suicida tão moço, e Daniel Ferreira que a Morte levou, treda e cúpiida, sempre invejosa das glórias juvenis.

Entre os prefeitos, homens como os demais decerto, havia quem realizasse, em bondade esparsa, uma disciplina exemplar que era respeito mútuo e estima recíproca. Evoco o santo vice-Reitor, Dr. Pimenta, anarrado à sua cadeira de hemiplégico. Estou a ouvir o velho Padre Soares, um pouco seco, *ranzinza* sempre, depois de me ter mandado um quarto de hora de *foelhos para o meio* — a expressão era de boa técnica disciplinar — por qualquer brincadeira que eu fizera no salão de estudo, vir ao pé de mim dizer-me, enternecido, as mais carinhosas palavras de conselho, de exortação e de apreço. E como ele, o secretário Padre Ri-

O QUE FOI A HOMENAGEM ao virtuoso Professor JOSÉ LUÍS DE PINA

Sr. Jerónimo Sampaio, nosso prezado camarada, recitou, com emoção, o *Pregão da Saúde*, que Delfim Guimarães compôs e que constituiu uma agradabilíssima surpresa. Depois falaram os Srs. Dr. Eduardo de Almeida, Dr. José Clemente Fernandes, de Chaves; Dr. Artur Anselmo, de Monção; Delfim de Guimarães, que recitou *O Estudante Provinciano*, e Dr. Nuno Simões. Em seguida, o presidente da Academia, Sr. Fernando Loureiro Moreira Guimarães, leu, muito bem, o *Bando Escolástico*, que Leão Martins escreveu para a Festa Nicolina deste ano. No uso da palavra seguiram-se depois os Srs. Dr. Cristiano Borges de Araújo, do Marco de Canavezes; Dr. Gomes de Almeida, médico em Espinho; Dr. João Rocha dos Santos, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, e Aprígio Neves de Castro. Todos demonstraram nas suas palavras a estima e o afecto que tributam ao venerando Mestre. Sensibilizadíssimo, José de Pina levantou-se e brindou pela saúde e pela felicidade de todos os seus alunos.

Encerrou a série dos brindes o Sr. Governador Civil, que afirmou ter assistido a uma formosíssima festa sob todos os aspectos. Terminou levantando a sua taça por Portugal, por Guimarães e por José de Pina.

À Mesa de Honra do banquete presidiu o Chefe do Distrito, que tinha à sua direita o homenageado, o Sr. Dr. José Francisco dos Santos, a senhora D. Palmira Meireles, o Sr. Dr. Nuno Simões, o Sr. António de Azevedo e o Sr. Dr. José Clemente Fernandes; e à sua esquerda o Sr. Presidente da Câmara Municipal, o Sr. Dr. Aventino Leite Lopes de Faria, a senhora Dr.ª D. Edwiges Machado, madame Borges de Araújo, António Pina e Dr. Eduardo de Almeida.

Num intervalo do almoço, os estudantes entraram na sala e ofereceram as «Maças» a José de Pina e aos componentes da Mesa de Honra. Depois do almoço, os mesmos estudantes exibiram as «Danças», números das suas Festas Nicolinas.

— Toda a Imprensa diária do País se referiu em termos elogiosos à homenagem, destacando os actos de que ela constou. Isso demonstra que o nome do Mestre é bem conhecido e estimado por toda a parte e que a homenagem que lhe foi prestada representa um acto de inteira justiça.

— A guarda de honra à entrada do Liceu foi feita por um piquete reforçado dos B. V. de Guimarães.

O discurso do Sr. Reitor do Liceu

Há vinte anos que estou em Guimarães e sempre o conheci assim: calmo, sereno e plácido. No passo, no andar, em todos os seus movimentos nunca notei alteração alguma. Jámais o vi entrar ou sair açodado o largo portal desta casa. Pontualíssimo na entrada e na saída das aulas, nunca lhe foi preciso alterar o andamento para chegar às horas regulamentares.

Uma só coisa lhe fazia alterar o ritmo dos seus movimentos. Quando ouvia a serie dos bombeiros ou o toque dos sinos anunciando incêndio, pegava logo no chapéu e no inseparável guarda-sol, saía subtilmente, mas sem precipitação nem alvoroço, e desaparecia. Os alunos assim abandonados pareciam compreender a grandeza do gesto e surpresos continuavam os seus trabalhos, concentrados, em silêncio, até que o toque da sineta os chamava para o recreio. E sabia-se então que José de Pina saíra para a sua missão humanitária de bombeiro.

A sua atitude exterior reflectia a serenidade interior. Nunca o vi exaltado, nem colérico, jámais ouviu erguer a voz em tom áspero ou ameaçador. As suas manifestações de alegria ou de pesar foram sempre moderadas e serenas e nunca impetuosas ou violentas. E se alguma vez se apaixonou por uma causa, e não duvidamos que o tenha feito repetidas vezes, os seus entusiasmos revelavam-se mais por acções do que por palavras e gestos arrebatados. Nunc recorria à severidade ou ao castigo para alcançar os seus objectivos e o certo é que os conseguia quasi sempre.

Não sendo nada autoritário nas aulas, concedendo aos seus alunos considerável liberdade — alguns classificá-lhe-iam de excessiva — a verdade é que a disciplina se mantinha e os abusos, quando os havia, eram raros e inofensivos.

Em regra os estudantes estimavam-no, e poucas excepções poderá haver, e, o que é ainda mais interessante, ficavam seus amigos para sempre. Pude eu pessoalmente verificá-lo tanto aqui como em qualquer terra do país onde tenha encontrado um antigo aluno deste liceu. Creio não ter encontrado nenhum cujo olhar se não animasse e sorrisse affectuosamente ao perguntar pelo «Sr. Pina».

Os laços morais que nos prendem às escolas que frequentámos e nos ligam aos nossos antigos mestres e condiscipulos, são entre nós portugueses, mais fortes do que geralmente se supõe. Tenho-o verificado inúmeras vezes com surpresa e prazer ao ser interpellado por desconhecidos das mais variadas posições sociais que, ao saberem-me professor deste liceu, se apresentam espontaneamente a declararem satisfeitos que também aqui estudaram e a pedirem notícias da sua antiga escola. E entre as perguntas

de difícil solução. José de Pina nunca se furtou a privar com os alunos; pelo contrário procurava o seu convívio e quando ele começou a sua carreira de professor as relações entre mestres e alunos eram bem diferentes.

Quando há 20 anos iniciei o meu serviço neste liceu ainda fresco de Universidade e com o cérebro a fervilhar de idéias pedagógicas que eu julgava novas, fiquei muito surpreendido ao deparar nalgumas das salas com a cadeira e mesa do professor no alto duma tribuna quatro ou cinco degraus acima do soalho, quando tal disposição tinha sido abolida na própria Universidade de Coimbra. Eu e os meus colegas que então eram novos não nos conformámos com o caso e interpretámos aquela sobrevivência como símbolo da inacessibilidade dos altos sacerdotes da ciência. Mas a situação modificou-se dentro de pouco: os reformistas estavam em maioria e as tribunas foram condenadas e não tardaram a desaparecer.

José de Pina nunca foi o professor distante, inacessível, encerrado na sua torre de marfim, que só na aula dirigia a palavra aos seus alunos. Não; José de Pina conseguiu a aura que ainda hoje lhe doira os cabelos grisalhos afastando-se dos preceitos dessa pedagogia injustificada. José de Pina estimava os seus alunos; tomava a peito o seu aproveitamento, interessava-se por tudo o que lhes dizia respeito e embara não lho dissesse êles adivinharem-lhe os sentimentos e retribuía-lhes generosamente, como é próprio da mocidade.

Neste ponto José de Pina antecipou-se à nossa época que não admite como defensável a ultrapredagogia. Efectivamente para que a instrução realize o seu fim principal — a quele que a nossa própria constituição salienta, o da formação do carácter — o mestre terá de ser para com o aluno um verdadeiro pai. Não poderá limitar-se a ministrar o ensino e a verificar se o aluno assimilou a doutrina que lhe foi exposta; a sua função não se reduzirá a obrigá-lo à ordem, ao trabalho metódico, à execução dos exercícios escolares, à pontualidade, etc.; terá de ir muito mais longe. Há de ter preocupações e cuidados paternais para com os educandos, precisará de lhes conquistar a estima, a simpatia e a confiança para poder exercer sobre êles verdadeira influência. E se êles não se convencerem de que o professor é verdadeiro amigo, de que lhes quer como a pessoas de família, de que os seus conselhos, as suas exortações, as suas censuras e até os seus castigos são filhos do bem que lhes quer, podemos ter a certeza de que o fim principal da educação corre grandes riscos.

Este dom de si mesmo aos seus alunos praticava-o José de Pina em alto grau. Por isso êles o estimavam; por isso lhe votaram um afecto que dura pela vida fora.

Os seus colegas de então, talvez mais alheios e distantes, rejeitando tais familiaridades e censurando-as talvez, não estavam na razão; o modesto professor de desenho, que descia até aos seus alunos, que se igualava com êles, que partilhava das suas alegrias e dos seus desgostos, que lhes compreendia intimamente a alma, esse é que estava no bom caminho.

O facto não constitui hoje novidade, mas há quarenta anos era revolucionária tal attitude. De harmonia com estas disposições

balhos dignos de admiração que José de Pina me mostrava desvanecido, da autoria dos seus alunos.

Percebi então que estava na presença dum dos melhores professores de desenho dos nossos liceus e êsses *melhores* não eram muitos.

Não exagero, Meus Senhores, nem lisonjeio; digo apenas o que então pensei, e sobre esse assunto não mudei de opinião.

O Estado prepara hoje convenientemente os professores de desenho que destina ao ensino dos liceus. Mas há vinte anos ainda não eram assim; a preparação era muito deficiente e aqueles que conseguiam ser professores à altura da sua missão tinham de se preparar por si. Maior honra cabe a aqueles que o conseguiram.

Sendo assim, não é de estranhar que os trabalhos de desenho apresentados pelos alunos deste liceu fossem bons na sua maioria. Os seus autores não precisavam da benevolência do mestre para serem aprovados. Essa benevolência exercia-se sim junto dos menos aplicados e de menor aptidão, não aprovando-os sem saberem, mas adagando-se junto d'elles, insistindo e instigando para se poupar o professor ao desgosto que para êle seria enorme de ter de reprovar os estudantes.

De harmonia com o seu feito José de Pina tinha processos muito especiais para tratar com os seus alunos, quando não estava de acôrdo com êles e tinha necessidade de se opor aos seus desígnios: impedir uma parede, obstar a um desatoc, evitar em fim qualquer acto de indisciplina. Não avançava de frente contra o inimigo. A sua estratégia consistia em torná-lo para o atacar de flanco ou colhê-lo de surpresa pelas costas. E com os seus modos brandos e passos subit, esta tática produzia quasi sempre excelentes efeitos. As armas calam das mãos aos revoltosos quando o Sr. Pina lhes parecia inesperadamente a mostrar-lhes com modos paternais a sem-razão do seu proceder. E restabelecia-se a normalidade.

Aposentou-se o professor José Luís de Pina com 43 anos de serviço. Nesses longos anos de trabalho e de dedicação pode afoitamente afirmar-se que bem serviu a instrução, a sua terra e o país.



José de Pina admira a valiosíssima oferta do seu antigo discípulo, S. E. o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.



O antigo aluno do homenageado e notável escritor, Sr. Dr. Nuno Simões lendo, no meio dum profundo silêncio, a sua brilhante oração.

Ainda a catástrofe da Basílica de S. Pedro

Mais condolências. Novos donativos.

A Câmara Municipal e as diversas Corporações Vimaraneses continuam a receber muitas provas de solidariedade, vindas de vários pontos do País, por motivo da tragédia do dia um de Dezembro, que enlutou todo o concelho de Guimarães.

O nosso bom amigo Sr. Aníbal Dias Pereira, delegado em Guimarães da importante Cooperativa «O Problema da Habitação», recebeu o seguinte officio da Direcção da mesma Cooperativa:

«Peço licença para solicitar de V. Ex.ª o favor da sua melhor atenção, no sentido de representar a Direcção a que tenho a honra de presidir em quaisquer manifestações de pesar que a Cidade de Guimarães venha a prestar às vítimas do desastre ocorrido na igreja de S. Pedro, no passado dia 1. Esperando dever-lhe este favor, subscrevo-me com muita estima e consideração, De V. Ex.ª, muito attentosamente, etc., O Presidente (a) José Martins Barbosa (Dr.).»

Também foi recebido da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra o seguinte officio:

«Ao ter conhecimento do lamentável desastre ocorrido recentemente nessa Cidade, a S. D. P. de Coimbra, da minha presidência, resolveu testemunhar a V. Ex.ª a expressão dos seus sentimentos, por tão infausto successo. Com os meus melhores cumprimentos, etc. Pelo Presidente (a) Nuno Beja — Secretário.»

A Câmara Municipal de Braga em sua última sessão resolveu, também, exarar na acta um voto de profundo pesar pela grande desgraça que enlutou a nossa Cidade.

Independente dos donativos a que já aqui nos referimos, foram recebidos na Câmara Municipal mais os seguintes:

Ministro da América em Lisboa, 1.000\$00; Alberto Pimenta Machado, 2.500\$00; Amadeu C. Penafort, 500\$00; Fábrica de Cortumes de Coimbra, Lt.ª, 200\$00; António José Pereira de Lima, 500\$00.

Acaba de ser constituída uma Comissão destinada a organizar o socorro às famílias das vítimas da Basílica de S. Pedro. A mesma é constituída pelas seguintes individualidades: Presidente da Câmara, Arcipreste de Guimarães, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários, Presidente do Grémio do Comércio de Guimarães, Presidente da Academia Vimaranesa, Presidente da C. A. das Oficinas de S. José, Presidente da C. A. do Asilo de Santa Estefânia, Representante das Juntas de Freguesia da Cidade, Representante da Direcção da Casa dos Pobres, Presidente do Sindicato da Ind. Têxtil e Directores dos jornais locais.

O rendimento do pedidório feito pela Academia Vimaranesa no dia 4 do corrente, no Teatro Jordão, foi de Esc. 900\$00.

Na quinta-feira, às 18 horas, reuniu no gabinete do Sr. Presidente da Câmara a Comissão de Socorros às famílias das vítimas da Catástrofe, tendo-se trocado impressões sobre vários assuntos.

A Comissão resolveu nomear seu Tesoureiro o Sr. João Teixeira de Aguiar e dirigir circulares aos vimaranenses e bem assim às pessoas amigas da nossa terra.

Quaisquer donativos para a Comissão de Socorros podem ser entregues na Câmara Municipal.

O produto da subscrição que abrimos e que continuamos nas colunas deste jornal, será entregue, oportunamente, àquela Comissão. Logo que tivermos conhecimento da sua constituição foi a nossa intenção.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS renova o seu apêlo a todos os seus leitores e amigos, aos vimaranenses em geral e ainda às pessoas que não o sendo, sentiram a enorme desgraça que feriu o coração de todos nós. Nestas colunas se lhes solicita um donativo para se enxugarem muitas lágrimas de dezenas de famílias.

Leitores e amigos ouvi o nosso apêlo, feito em nome da Caridade. Para as famílias das vítimas da catástrofe que ficará memorável nos anais da história vimaranense, trazei-nos, os vossos donativos!

J. Bastos Monteiro, Pôrto	Transporte	100\$00
Domingos Mendes Fernandes		20\$00
Francisco Laranjeiro dos Reis		100\$00
Um antigo aluno de José de Pina		20\$00
Onil, Lisboa		200\$00
Sapataria Luso		20\$00
A transportar		660\$00



Ministério da Economia

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

AVISO

DISTRIBUIÇÃO DE SULFATO DE COBRE

O sulfato de cobre será distribuído, na futura campanha, em todo o país, segundo o plano concertado entre os organismos viti-vinícolas, pelas médias de produção relativas às colheitas de 1938/1939/1940.

Como, porém, muitas propriedades produtoras de vinho mudaram de possuidor, de 1938 a 1942, por falecimento dos respectivos proprietários, por trocas, vendas, etc., e ainda porque é necessário atenderem-se reclamações justas, motivadas por contractos de arrendamento, etc., verifica-se ser necessário rectificar determinadas produções de vinho.

São, pois, por estes motivos, avisados os Srs. Viticultores para, até ao dia 30 de Janeiro de 1943, apresentarem as suas reclamações, devidamente fundamentadas, nas Delegações concelhias desta Comissão de Viticultura ou nos Grémios da Lavoura, onde estarão patentes os mapas das médias, por viticultor, das produções relativas aos anos de 1938/1939/1940.

Findo o prazo fixado, não serão atendidas quaisquer reclamações, a não ser as referentes às propriedades produtoras de vinho que mudaram de possuidor depois daquela data.

Pôrto e sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 11 de Dezembro de 1942.

O Presidente da Comissão Executiva,

a) Manuel de Espregueira e Oliveira.

ALFAIATARIA COM FAZENDAS

RIBEIRO, FILHO

L. Conselheiro João Franco — Telefone N.º 177

Este acreditado estabelecimento já recebeu, como nas anteriores Estações, um grande sortido de artigos da mais alta novidade, próprios para a Estação de Inverno, motivo por que tem à disposição dos seus Ex.ªs Clientes e Amigos lindíssimos padrões, muitos dos quais seus exclusivos, em casimiras para fatos e sobretudos.

Não obstante o agravamento da vida, a ALFAIATARIA RIBEIRO continua a fazer os melhores preços, procurando desta forma manter o conceito de que goza.

No meu cantinho

Os velhotes são muito rabugentos!

Desde que se ergueu o bendito ruído da Homenagem a Martins Capela, a cada passo me irritava o ouvido a maneira de dizer à Carvalho, na Carvalho, da Carvalho.

Há bons 60 anos se me gravou na mente o simples a, o singelo em e o nuzinho de.

Eis senão quando a Revista da Arquidiocese acaba de inserir uma preciosa carta do Filósofo, do Arqueólogo, do Sábio, datada da sua Casa «em Carvalho» e aludindo a uma jornada que fizera «de Covas a Carvalho».

Fiquei mesmo consolado!

Larga a pena, Gerezino: deixa que falem do Mestre José de Pina.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

beiro em quem Guimarães perdeu, há pouco, o seu pastor venerando; o Padre Correia, novo, canarada, passa culpas; o Padre Paulo, um pouco arista e por isso, um pouco alheio a tudo; o Padre Novais, tão bondoso, atento e delicado; o Padre Henrique, dinâmico e optimista, e os irmãos Padres Araújo e o Padre Chaves, todos procurando fazer-se estimar e, de um modo geral, o conseguindo.

O quadro dos mestres, êsse, então, era verdadeiramente aliciante para um rapazinho, cheio de curiosidades, trazendo na imaginação um mundo de interrogações e de inquietações.

Todos, mesmo os não efectivos, sabiam muito e queriam que os seus alunos soubessem.

Mas os professores efectivos, — os seculares Cônegos da Colegiada, cujo cabeção vermelho nos infundia um respeito litúrgico, — êsses, à nossa ignorância encobrida, pareciam como sábios, e algum verdadeiramente o era, pelo saber, pela bondade e pela modestia. Além dos seculares Cônegos havia um mestre, sem cabeção vermelho nem preto e sem batina sequer, que a nossa estima, ao primeiro contacto, distinguia. Era o professor de desenho, excepção à regra desse corpo docente de clérigos, talvez — racionou algum de nós, — porque o desenho como base e caminho da pintura, uma das belas artes, não estivesse bem para ser ensinado por padres, a cujo mister iam melhor as letras e as ciências.

O senhor Pina estava menos distante de nós do que os outros professores, vestia como os mais homens, não percia a sua fidelidade aos imperativos da minha formação intelectual e moral que nesta casa foi, em grande parte, feita, me cumprisse expender, agora, a minha compreensão da função social do magistério, como um verdadeiro apostolado.

Preferi, porém, em face, de um nobre exemplo desse apostolado limitar-me a verificar, com sincera emoção cívica, como essa concepção se efectivou.

O simples facto de nos termos reunido aqui, homens de várias origens, ideais, credos, mistérios e destinos, para, solidários na gratidão a um mestre, lhe expressarmos, é, já de si, a prova fulgurante de que êle conseguiu, servindo devotadamente a sua alta função, compreender e ensinar gerações sucessivas cuja índole e aspirações, algumas décadas de evolução social, natural é que hajam diversificado; e de que a essas gerações ajudou a criar, para o seu património íntimo, um valor moral e espiritual comum de que deve esta consagração considerar-se a expressão consoladora.

Durante as últimas décadas, na verdade, toda a face do mundo se alterou. A face e a alma do mundo.

Mas a mudança não conseguiu destruir os valores da inteligência e do carácter. Êsses, como o azeite doirado, sobrenadam as águas revoltas e conseguem aplacá-las até: azeite fino e doirado das lâmpadas votivas que as velhas gerações de idealistas, há muito, acenderam e sempre haverá, nas novas, quem deseje manter acesas.

Para isso bastará que continue a haver mestres que mantenhão e estimulem o culto sagrado do saber, da camaradagem e da bondade.

Saber que seja, na imagem de Gilberto Freire, o rio que fecunda as terras das margens e faça a riqueza e a felicidade de todos os que nelas vivam. Camaradagem que seja uma redução afectiva e terna, da solidariedade que profunda raízes, no mais nobre da alma humana, e ergue e alarga a sua froude no céu do sonho que a cobre e prolonga até aos pés de Deus.

Bondade que alimente essas raízes e por elas fortaleça a grande froude e que se acolha, vergado ao péso da sua dor, o homem, expulso do paraíso e prisioneiro de si mesmo, só com a dor dos outros podendo contar, na imensidade da sua desolação.

Amigos: Voltamos a esta casa onde tantas aspirações juvenis nos moveram e obrigaram a olhar para o alto.

E viemos para trazer a um mestre que encerra a sua carreira, consciente de ter cumprido sempre o seu dever, o testemunho do nosso apêlo e do nosso reconhecimento.

Quisteses vós dar-me a honra de o exprimir. Maior não poderéis dar-me do que a de dizer ao mestre, em vosso e men nome, — diante de outros mestres que se honrarão com reconhecer-lhe e continuar-lhe a obra e de outros estudantes mais novos a quem, se não podemos ser, em tudo, exemplo, desejamos ser-lo no culto da gratidão que aqui nos arrastou, — que na sua velhice simpática e admirável não faltará, ao seu coração, o calor da nossa ternura que em alguns, como eu, ai de mim, no descair do outono, já não aquecerá e terá que contentar-se com ser, apenas, cinza de salidade, mesmo, bem remexida, como hoje, mal conseguindo esconder, ainda, algum resto de lume.

Essa ternura dos mais novos e essa saúde dos velhos como eu, fizeram com que quisessemos perpetuar o dia de hoje, dando forma aos sentimentos que nos reúniram e animam e prolongando-lhes a existência.

Ao cinzel inspirado de um grande escultor que, mais uma vez, afeiçoou, sob as suas mãos sortilhegas, o barro amorfo e nêlo vasou, magistral, um sorriso que é verdadeiramente o reflexo e a expressão da alma simples, boa e grande de onde vem, fomos pedir essa perpetuidade.

Dizei-me, vós todos, se o Artista não foi o maior e melhor dos nossos, na tradução do mundo interior do seu nobre modelo e na reprodução fiel do seu sorriso, tão fino e complacente, que

trazíamos na memória dos olhos e nas saudades do coração e, agora, revemos satisfeitos na face amiga e inesquecível e no bronze consagrado e perene. Mas quisemos também que a lembrança do professor competente e zeloso que a idade afastou do seu lugar, se projectasse no futuro, por outra forma: em galardão e estímulo a novos alunos de desenho cujas aptidões excepcionais o mereçam e que, assim, associarão ao orgulho dos seus êxitos escolares, o nome do mestre que, durante quasi meio século, mais não fez do que procurar animar e distinguir vocações, e pôr, onde não havia, a vontade teimosa de as suprir.

Senhores: Demasiado me alarguei no meu falar. Sabeis como é doce escrever e ler um capítulo de memórias, quando, como neste caso, elas são de coisas amáveis, que uma anrêola de mocidade santifica.

Que os mais novos me perdoem o ruído que dei ao meu cogitar e que um dia, mais tarde, quando lhes nevar, na cabeça, êles compreenderão melhor.

Preferi o, — mea culpa, — por egoísmo, é certo, mas também porque sabia que, à lembrança do mestre, era grata esta fugitiva evocação.

trazíamos na memória dos olhos e nas saudades do coração e, agora, revemos satisfeitos na face amiga e inesquecível e no bronze consagrado e perene. Mas quisemos também que a lembrança do professor competente e zeloso que a idade afastou do seu lugar, se projectasse no futuro, por outra forma: em galardão e estímulo a novos alunos de desenho cujas aptidões excepcionais o mereçam e que, assim, associarão ao orgulho dos seus êxitos escolares, o nome do mestre que, durante quasi meio século, mais não fez do que procurar animar e distinguir vocações, e pôr, onde não havia, a vontade teimosa de as suprir.

Senhores: Demasiado me alarguei no meu falar. Sabeis como é doce escrever e ler um capítulo de memórias, quando, como neste caso, elas são de coisas amáveis, que uma anrêola de mocidade santifica.

Que os mais novos me perdoem o ruído que dei ao meu cogitar e que um dia, mais tarde, quando lhes nevar, na cabeça, êles compreenderão melhor.

Preferi o, — mea culpa, — por egoísmo, é certo, mas também porque sabia que, à lembrança do mestre, era grata esta fugitiva evocação.

Nela cabe, sabe-lo, a homenagem que, de bom grado, presto aos colegas ilustres do mestre que aqui vieram e aos que, não podendo vir, compreendem, desvanecidos, o amplo significado da nossa reunião.

Desajarei que todos valham, mereçam e tenham, ao termo das suas jornadas professorais, consagração idêntica.

E cabe também na minha pobre fala, uma alusão devida: a muitos discípulos de José de Pina que aqui não estão porque lhes era impossível virer, nus, espalhados por êsse país fora, mas sobretudo os que, em terra nossa de África e em terra hospitaleira do Brasil, labutam e honram a sua terra e, com ela, os mestres que tiveram e cuja lembrança afectuosa e agradecida os acompanha.

Há uma dúzia de anos, no Rio de Janeiro, reunimo-nos uma dúzia de condiscípulos e contemporâneos de Guimarães — muitos dêles ricos de fortuna e outros mais ricos ainda de projectos e lembranças.

Durante umas horas de convívio, evocador e efusivo, o que nos recordamos, Senhora das Saúdes!

Tenho a certeza de que, à mesma hora, no coração de José de Pina devia ter havido uma palpação mais forte. De longe devia ter-lhe chegado, — bem êle o senti, — como um êldio, a lembrança desses discípulos e amigos que estavam fazendo votos sinceros e affectuosos pela prolongação da sua existência.

Êles não me perdoariam pois, que os não fizesse, agora, aqui, presentes.

Mestre e Amigo: Em nome dêles, dos que não puderam vir, em nome dos que, antes de mim, comigo e depois de mim, tiveram a fortuna de receber os seus ensinamentos e a satisfação e a honra de contar com a sua amizade, em nome de todos, eu lhe digo, como o poeta hindú:

«na árvore da vida há dois frutos saborosos e inestimáveis: a poesia e a amizade...»

Sob o duplo e benéfico signo, pode dizer-se que se realizou esta homenagem.

Pois que a poesia seja eterna e não deixe nunca de encher de sonho a vida dos homens. E que a amizade os inspire e domine para os grandes impulsos da verdadeira justiça que ha-de fazer melhor e mais feliz a humanidade. À face da terra eusangüentada, em que força é que, de novo a paz floresça e com ela esplendam outra vez em todas as nações civilizadas, todos os valores do espírito em cujo culto, com a nossa acção de hoje, podemos revindicar filiação.

O discurso do homenageado Cabe-me a honra de render homenagem a V. Ex.ª Sr. Governador Civil e agradecer profundamente reconhecido a generosidade com que me acolheu e distinguiu, dignando-se presidir a esta sessão de recordações escolares.

Mal pensava eu, velho e arrumado mestre, que nesta manifestação de méritos pedagógicos — de que me confesso fraco possuidor —, havia de receber distinções de colegas e antigos alunos, cujos sentimentos foram sinceramente traduzidos pelo Ex.º Sr. Dr. José Francisco dos Santos, ilustre Reitor deste querido Liceu de Martins Sarmento, pelo meu amigo e leal colega Dr. David de Oliveira, e pelo meu antigo e dedicado discípulo, Dr. Nuno Simões, que considero um dos mais sólidos valores da intelectualidade nacional.

Mas, o que fiz eu para merecer tantas provas de carinho e simpatia? Durante toda a minha vida de professor, nada mais fiz aos meus alunos senão acolhê-los com aquela urbanidade própria de homem e tratá-los como se meus filhos fossem — imagens vivas que conservo bem nítidas no pensamento e nos arcanos do meu coração —, ou amargurar, em silêncio, as saudades do Passado que, muitas vezes, me oprimião ao librar-me às alturas das preces que eram dirigidas para as almas daqueles que iam apartando-se do meu convívio.

Ensinem como pude e soube, e nessa missão nunca faleceu a vontade. A consciência não me acusa tam-

— (Continua na 4.ª página)

GAZETILHA

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Nos duros tempos passados, já havia pobres, coitados, em difíceis condições, mas nos que vão decorrendo muita mais gente há sofrendo dolorosas privações.

Mas se é maior a pobreza, também cresceu a riqueza, muito bruto vive bem... Que o digam os volframistas e quejandos arranjistas, que ontem não tinham vintém.

P'ra esses também apelo, recordando-lhes que é belo co'a pobreza repartir. Demais que alguns, sabe Deus, p'ra matar a fome aos seus quasi andaram... a pedir.

Como está à porta o Natal e a vida corre tam mal a tanta família pobre, eu aqui venho lembrar a quem pode, para dar um pouco do que lhe sobre.

Quem pratica a Caridade, mesmo sendo por vaidade, faz sempre uma boa acção, porque a esmola onde cai combater a fome vai, alegrando o coração.

Vitru

Famosas meias de cristal, carvão, água, e ar comprimido. Mais lindas do que as de sêda, e três vezes mais resistentes.

A VENDA NAS SEGUINTE CASAS DE GUIMARÃIS

Casa Barangeiro — Casa das Meias — Casa Oliveira & Silva — Casa das Gravatas — Lima, David & C. — Casa Paulino.

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas
AMANHÃ, às 21 horas.

Um filme português que foi aplaudido na «Bienal de Veneza» e premiado com a Taça «Prémio Bienal»

ALA - ARRIBA!

Interpretado por autênticos pescadores da Póvoa de Varzim

Quinta-feira, 20

Engraçada comédia

Viva o Casamento!

com

Zazu Pitts — Kathleen Howard — Slim Sumerville.

ARTUR ANSELMO

A homenagem prestada na vila de Monção ao distinto jornalista Dr. Artur Anselmo foi, como prevíamos, um acontecimento digno de registro, demonstrando-nos o quanto é estimado e querido aquele nosso distinto camarada.

Aprezamos registrar o facto e renovamos as nossas sinceras felicitações.

Beneficência do NOTÍCIAS

Transporte . . .	1.999\$50
Recebemos mais:	
Para os nossos pobres:	
Augusto Pinto Lisboa, Pevidém . . .	50\$00
Octávio Pereira Machado, Amares . . .	10\$00
Um antigo aluno de José de Pina . . .	50\$00
Arnaldo de Sousa Guise, do Rio de Janeiro (2) . . .	1.000\$00
Anónimo (por alma do desditoso amigo Gaspar Noronha, há dias falecido no Pôrto) . . .	20\$00
João da Mota . . .	10\$00
Francisco Laranjeiro dos Reis . . .	10\$00
Para a Casa dos Pobres: Um antigo aluno de José de Pina . . .	100\$00
Para a senhora viúva e doente: Anónimo . . .	5\$00
A transportar . . .	3.299\$50

(2) O nosso querido conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise não se esquece nunca dos pobrezinhos da sua terra. Eles lhe devem muito já, tantas têm sido as vezes que vem junto de nós, trazer-nos o seu valioso auxílio, colaborando assim conosco para minorar muitas lágrimas e dores.

Aqui lhe testemunhamos o nosso agradecimento muito sincero. O agradecimento dos pobres será também eterno.

da cidade

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Embarcou, há dias, em Lisboa, com destino ao Rio de Janeiro, onde vai tratar de assuntos de seu interesse, o nosso prezado amigo sr. Jerónimo da Silva Guimarães, abastado capitalista e proprietário na freguesia de Gandarela. Desejamos-lhe feliz viagem e muitas prosperidades.

Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Guise.

De visita a sua família encontra-se entre nós o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Augusto Sampaio Mendes da Cunha.

Deu-nos o prazer da sua visita, acompanhado de sua esposa, o nosso bom amigo sr. Domingos Pinto Martins, do Pôrto.

Aniversários natalícios

Fêz anos, no dia 9 do corrente, a

sr.ª D. Maria Elisa Vaz da Costa Marques a quem felicitamos. Fêz ontem anos o nosso prezado amigo sr. Rodrigo Fernandes Abreu, a quem igualmente felicitamos.

Fazem anos:

Dia 19, a menina Maria da Graça, filha do nosso bom amigo sr. António José da Costa; dia 20, os nossos prezados amigos srs. dr. José Maria de Castro Ferreira, distinto clínico e professor do Liceu de Martins Sarmiento e Luis Cândido Lopes, estimado advogado de Direito, aposentado, aos quais apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Também faz anos, amanhã, o sr. José da Silva. Parabéns.

Diversas Notícias

Violento incêndio

Na freguesia de S. Romão de Meação Frio, dêste concelho, no lugar de Belos Ares, declarou-se um violento incêndio pouco depois das 19 horas de segunda feira passada, num barraco que servia de arrecadação de materiais da firma Azevedo Campos, Lt.ª, com sede em Braga. O incêndio, que destruiu todo o barraco, dando origem a prejuízos superiores a 120 contos, que não estão cobertos pelo seguro, foi originado pela explosão de um bidon de 200 litros de gasolina.

Os bombeiros, sob o comando do seu 2.º Comandante, sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, acorreram com rapidez e, auxiliados por praças da P. S. P. e por populares, prestaram óptimos serviços, conseguindo salvar cerca de 600 bidons de alcatrão.

Ardeu uma camionete e vários materiais e ficaram muito queimados um boi, que teve de ser abatido, e o operário pedreiro José Pedro, de 28 anos, natural de Seide, Famalicão, e que recolheu ao Hospital da Misericórdia desta cidade em estado melindroso.

O clarão do incêndio via-se a grande distância e os trabalhos da sua extinção prolongaram-se até à meia noite daquele dia.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da República.

Festas Nicolinas

Terminaram, no domingo, as Festas Nicolinas, a que os nossos simpáticos académicos imprimiram êste ano desusado brilho.

O cortejo das Maças, satisfêz. Sem o aparato de outros tempos, também não colocou mal os organizadores da linda festa. As Danças encerraram ramos folguedos, muito bem.

Os nossos louvores merecem, pois, a comissão das festas e todos quantos lhe prestaram o seu concurso.

Desastre

Quando há dias regressava de Fafe, em bicicleta, foi vítima de um acidente, no lugar de Paçô-Vieira, o Sr. Simão Almeida Ribeiro, filho do nosso prezado amigo e importante industrial Sr. José Torcato Ribeiro Júnior.

O ferido foi imediatamente conduzido ao Hospital da Misericórdia, onde recebeu curativo, recolhendo em seguida a sua casa.

Lamentando o desastre, desejamos ao estimado enfermo o mais rápido e completo restabelecimento.

TREMOR DE TERRA

Também se fêz sentir, nesta cidade, no passado domingo, às 9,11 horas da manhã, o abalo de terra que os observatórios registaram com duração de alguns segundos.

NOTÍCIAS DO ENQUISTA SECCÃO CHARADÍSTICA dirigida por Lusbel.

Palavras cruzadas

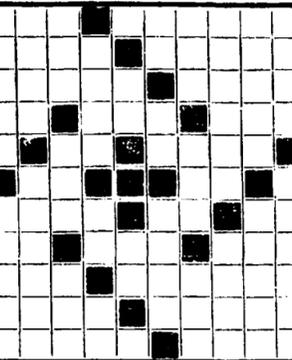
(Ao amigo «Alguém», dedica o DR. BIGODES)

N.º 49

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Cântico de guerra; resina americana. 2 — Inspirar; herar. 3 — Hora da meia-noite, no trabalho dos lagareiros (pl.); convir. 4 — Espécie de boi selvagem; planta brasileira; arma branca. 5 — Nota musical; interjeição que indica repugnância; pássaro fissirostro. 6 — Tenuíssimas partículas de qualquer substância; luto. 7 — Designação de várias plantas trepadeiras; preposição; qualquer fluido aeriforme. 8 — Unidade de pressão empregada na medida da pressão atmosférica; vosso; deseja. 9 — Curral de ovelhas; retesar. 10 — Eminência da parte anterior e externa da mão; rezara. 11 — Índio do Brasil, nas margens do Japurá; roupas que se fornecem aos criados em virtude do ajuste.

Verticais: 1 — Proeminente; composição ruim de pintor, gravador, etc. 2 — Magistrado espartano; julgar. 3 — Combino; arbusto de folhas semelhantes às da videira. 4 — Contr. de preposição e artigo (pl.);



modo; Pátria. 5 — Espécie de peixe; asse; interjeição que designa o estrepito de desmoronamento. 6 — Nota musical; eia! 7 — Cada grupo de sílabas dum verso latino com subordinação a um ictus; nota musical (ant.); árvore de madeira avermelhada, da Ilha de S. Toré. 8 — Partida; composição poética, destinada ao canto; ave galinácea. 9 — Espécie de pó branco em que o calor solar transforma os cristais de que a neve se compõe; ahares. 10 — Arrípiã; amargo. 11 — Léu; árvore cubana (pl.).

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 27 do corrente.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

Obras de S. Francisco

A Mesa da V. O. T. de S. Francisco resolveu sortear, no próximo domingo, dia 20 do corrente, pelos subscritores das obras de restauração da sua igreja, um lindo serviço de prata, estilo D. João V.

O sorteio efectuar-se-á, às 11 horas daquele dia, na sua sala de sessões e deve ser presidido por um representante da autoridade.

José Pinto da Fonseca

Em Amarante, onde residia, finou-se, ontem, o Sr. José Pinto da Fonseca, que durante alguns anos fô aspirante de finanças nesta comarca, tendo sabido conquistar muitas simpatias.

Que descanse em paz.

Missa de sufrágio

No próximo dia 15, às 8 e meia horas, na Basílica de S. Pedro, celebrar-se-á uma missa comemorativa da passagem do 16.º aniversário da morte do inditoso gerente do B. N. Ultramarino, Sr. Luís Ribeiro Pousada.

Vida Católica

N. S.ª da Conceição — Em alguns templos da cidade, festejou-se, na terça-feira, a Imaculada Conceição.

Também na sua linda capelinha, nos subúrbios desta cidade, houve as solenidades à Padroeira, tendo-se realizado, no decorrer da tarde, o costumeado arraial, que foi bastante concorrido.

Santa Luzia — Festeja-se, hoje, a Milagrosa Santa Luzia, que se venera na igreja de S. Dômaso, com o programa que já publicamos. Se o tempo o permitir sairá, às 16 horas, uma aparatosa procissão.

Também se realiza, hoje, a solenidade em honra da Mãe Santa Luzia, que se venera na sua capelinha, à rua de Francisco Agra, começando as solenidades religiosas com missa cantada, às 9 horas.

Durante o dia haverá arraial com fogo, música, basar de prendas, etc., etc., havendo, à noite, iluminação.

Objecto de ouro

Achou-se e entrega-se a quem provar pertence-lhe. Para informes, nesta Redacção.

Dr. João Antunes Guimarães

A êste ilustre Deputado, nosso distinto conterrâneo, foi enviado um telegrama de cumprimentos e felicitações pela sua nobre atitude, na sessão parlamentar de 9 do corrente, na Assembleia Nacional, em defesa da lavoura. O telegrama é do teor seguinte: «Ex.º Deputado doutor Antunes Guimarães. Palácio da Assembleia Nacional — Lisboa. «Lavouradores proprietários Concelho de Guimarães, abaixo assinados, cumprimentam V. Ex.ª e agradecem a sua nobre atitude tomada perante a Assembleia Nacional na defesa dos interesses da Lavoura.» Assinaram os seguintes proprietários: Dr. Alberto Ribeiro de Faria, Dr. Carlos Saraiva, Dr. José Maria de Castro Ferreira, Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, Cap. Abreu de Lima, António Lopes Martins, Guihermino A. Barreira, Manuel Barreira, Joaquim de Sousa Pinto, Daniel de Sousa Pinto, Alberto Gomes Alves, José Pinheiro Guimarães, Manuel Machado, António Alves Martins, Gaspar Pereira Leite de Magalhães e Couto, Francisco Pereira Quintas, João Couto Garcia, João Rodrigues Martins da Costa (Aldão), Tenente Alvaro Martins de Campos, José António de Matos, Belmiro Mendes de Oliveira, José Mendes de Oliveira, António de Carvalho Rebelo de Menezes T. de Sousa Cyrne, António Geraldo Guimarães, António de Freitas Ribeiro, Dr. Alfredo Peixoto, José Joaquim Fernandes, João de Freitas Torres Brandão, Alberto Pimenta Machado, Artur Fernandes de Freitas, Domingos Mendes Fernandes, José Fernandes, João António Pereira Guimarães e Manuel Inácio de Araújo Freitas.

Associamo-nos a esta justa homenagem prestada a quem tanto se tem interessado pelos interesses económicos desta Região.

FOGÃO

Vende-se um em bom estado, com caldeira de cobre e por bom preço. Para informações falar com Adelino José da Silva, lugar da Pêgada, freguesia de S. Pedro de Azurém.

B.B.C.

a voz de Londres fala e o mundo acredita

10,45	19,76 m.	(15,18 mc/s)
	24,92 m.	(12,04 mc/s)
12,15	19,76 m.	(15,18 mc/s)
	24,92 m.	(12,04 mc/s)
	31,75 m.	(9,45 mc/s)
21,00	31,75 m.	(9,45 mc/s)
	40,98 m.	(7,32 mc/s)
	41,75 m.	(7,18 mc/s)

As emissões da noite ouvem-se também em ONDAS MÉDIAS de 2611 metros (1,149 k c/s) e ONDAS COMPRIDAS de 1,500 metros (200 k c/s).

Estação de Inverno

CASA LEQUE — Telefone, 64

Os proprietários desta casa convidam a uma visita para apreciarem as NOVIDADES em Tecidos de lã para vestidos e casacos, Malhas, Peles, Veludos, Peluches, Casimiras para fatos, Cobertores de lã e de algodão, Tecidos de algodão, etc., etc. — Sortido completo em artigos para lutos: Lã, sêda e de algodão. — Vestidos para baptizados. — Panos brancos para enxovais. — Preços, os mais reduzidos.

VENDAS A DINHEIRO.

BENJAMIM DE MATOS & C.ª, L.ª DA (Toual) GUIMARÃIS

OURIVESARIA SOUSA

MODELOS MAIS ARTISTICOS EM PRATAS OURO E JOIAS

AO MELHORES PREÇOS

TELEF. 50

JOALHEIROS FABRICANTES SOUSA & COELHO

A CASA QUE MAIS SE IMPÕE PELO SEU FABRICO EM JOIAS

e a que paga a cobrir tôdas as ofertas

-- OURO, PRATAS ANTIGAS E BRILHANTES --

Lêde e assina! o «Noticias de Guimarães».



Grupo de antigos alunos e convidados, na Homenagem a José Luís de Pina.

bém de cometer erros pedagógicos, como, sob o ponto de vista de observação, o estudo individual dos alunos nunca me faliou ou se mostrou particularmente desfavorável.

Aproveitei o método das tendências, e, pelo que respeita às derivadas complexas — os sentimentos — sempre procurei encontrar precisão de esclarecimentos e limar as dificuldades que obstassem às suas manifestações.

Fui o que sou — um mestre despedido de ambições a quem o exercício do cargo não inibiu de ser amigo do seu amigo.

E permita-se-me este desabafo: — Quão dolorosa não é a aproximação do poste da velhice, ao pensar na vertiginosa corrida dos anos dissipados ingloriosamente em viver a vida, quando ao espírito advém a lembrança das vidas que se somem e esvaem! Quão aguilhoente não se torna este desejo de buscar arbrandamento e lenitivo para a dor da Sauidade que tomou de todo um coração que se deixou retalhar por tantos quantos foram seus alunos nas horas felizes das aulas!

Mas, em contrapartida deste desalento, quanto de benéfica alegria se traduz no peito amigo do mestre, que, após duros trabalhos e longos anos consumidos em esforços, vê junto de si muitos dos seus pupilos a recordarem-se saudosos da flexibilidade daquela vara milagrosa, que, na lousa da classe, quasi que traçava a linha de terra, só de saber que contribuiria para troféus que muitos d'elles alcançariam pelo seu saber e estudo, e, outro-sim, para lhes não regatear o tempo e a paciência dispendidos, e evitar sobressaltos na alegria das suas famílias ou naqueles que lhes eram queridos!

Abrevie-se, porém, o que manda o coração e escute-se o que o dever impõe.

Primeiro, evocando com a maior devoção e sentida homenagem, a memória de dois consagrados amigos que jamais esquecerei pelo muito que lhes fiquei devendo: Dr. Manuel de Jesus Pimenta, primeiro Vice-Reitor do Seminário e 1.º Reitor do Liceu, e P. Gaspar Roriz, um digno sacerdote que foi exemplo de sublimes virtudes.

O Dr. Manuel Pimenta, cheio de confiança no futuro, dispendeu tudo quanto possuía para adaptar o antigo convento de Santa Clara às urgentes necessidades do seu adorado Seminário, que tão bons frutos havia já produzido e que tornar-se-ia em recolhimento de seminaristas que, no Porvir, seriam notados pelas suas altas qualidades e chamados ao desempenho de altos cargos na vida nacional e no Episcopado Português: o D. Agostinho, Bispo do Pôrto, o D. Guilherme, Bispo de Angra, o Dr. Pires de Lima, antigo director da Instrução Secundária e actual Governador Civil do Pôrto, etc., etc.

Sentiu, como no geral sucede aos idealistas, o cruel desgano de ver ruir parte da sua obra, que, se não desmoronou de todo, o foi devido à acção do pulso forte do nosso conterrâneo Eduardo de Almeida e ao P. Gaspar Roriz, que se revelaram estrénuos baírristas e denodados propagadores dos interesses de Guimarães.

Sofreu as maiores agruras com o estoicismo de santo que era, avançando-se-lhe depois o P. Roriz em clamores e hinos a esta Terra, não deixando cair em mãos alheias o que tantos anos levava a construir, o que contribuiria para o impôr à consideração daqueles que com ele privaram.

O Seminário continuaria, e com a sua continuidade, esse distinto escol de professores que constituíram o primeiro corpo docente do nosso Liceu e perante cuja memória me curvo com profundo respeito: Cônegos, Dr. Miranda, Dr. Pedro Sanchez, Dr. Moreira Júnior, Baccelar, José Maria, Ribeiro, Dr. Aarão, Cardoso, depois Bispo de Angola e Congo, e Padre Leite de Faria, Bispo de Bragança e Miranda.

Felizmente que nos resta a ventura de contar no nosso meio a figura insinuante e sempre moça do Ex.º e Rev.º Cônego Alberto de Vasconcelos, reliquia preciosa daqueles que, guiados por um acendrado espírito cristão e amor pelo ensino, tanto renome deram ao Liceu, depressa impondo-o à consideração e respeito públicos.

Os meus agradecimentos pela honra que me concedeu em participar desta festa que também deveria ser sua.

Com o decorrer dos tempos, novos professores diplomados foram chamados ao serviço liceal: Padre Anselmo, Drs. Dias Pinheiro, Oliveira e Sá, David de Oliveira, Jesus Gonçalves, José Francisco dos Santos, Duarte Pinheiro Arozo, Joaquim Torres, Lapa, Filinto, Avelino de Faria, Soares de Oliveira, Ferreira da Costa

e Feliciano Ramos, penúltimo Reitor, e Dr. João de Freitas, orientados pelo sentimento de justiça e proficiente saber, puderam elevar a obra iniciada pelos senhores Cônegos, devendo-lhes a cidade o reconhecimento e louvores, extensivos aos colegas provisórios que por aqui passaram: Barão Ferreira, P.ª Fiusa, Hernano, General Flores, Florêncio, Comandante Silva Ribeiro, Dr. Gilberto, Dr. João de Almeida, Dr. Nicolau Gonçalves Oliveira, Dr. Castro Ferreira, Coronel Alcino e Capitão Fraga.

E já que me aproveito falar dos meus Colegas, parece-me não ser descabido recordar — sem qualquer intuito de abuso —, os múltiplos aspectos da agitada época que antecedeu a criação do Seminário (mais tarde transformado em Liceu) e bem assim apontar os actos praticados posteriormente, e que um fenómeno astronómico marcou à maravilha.

Declinara o dia 27 de Novembro de 1885. Na serenidade de uma noite varrida de nuvens — contando então apenas 11 anos de idade —, pude contemplar o espectáculo mais surpreendente e belo que os olhos viram ainda e que me recordaram as apocalípticas estampas de Durer.

O céu encontrava-se privado de estrelas — guias nocturnos de orientação e sóis vagamundos! —, quando, inesperadamente, numa cadência progressivamente acelerada e ininterrupta, uma infinidade de cintilantes luzeiros se desprendiam lá do céu e traçavam extensos rastos incandescentes, trazendo a uns espectadores o pavor e empolgando os outros que se deliciavam com o impressionante espectáculo que a Natureza lhes oferecia.

«Pelos janelas, telhados, ruas, largos, toda a gente procurava presenciar o fenómeno» — assim noticiava um jornal daquela época. Saí para a rua... Junto de mim ficou um velho fatalista que, à semelhança do Velho do Restelo, esboçou a tintas rubras de sangue e fôgo este quadro horrível de guerra: — «Is-to que estais vendo, rapazes, é sinal de guerra anunciado pelo céu. Aquelles riscos de fôgo deixados pelas estrelas maiores indicam os tiros de peça de artilharia em combate; os menores as descargas das armas de infantaria em porfiada luta de morte.»

A profecia do supersticioso velho não se desviou muito do que em breve se iria dar, sem fogos de artilharia ou de infantaria, mas com protestos e reclamações que fizeram baquear governos. Vinte e quatro horas depois, ou seja no dia 28 de Novembro, eclodiu um conflito de alta importância entre dois povos vizinhos, cujo litígio se arrastou por muitos anos, que por fim terminou diplomáticamente e sem ressentimentos, trazendo extraordinários benefícios para Guimarães.

A ânsia dos patriotas vimaranenses em prestar culto ao passado e abrir novos horizontes no futuro, foi bem compreendida pelo prelado, D. António Honorato, e Francisco Agra, que, passados 3 anos e com assentimento do leader progressista de então, conseguiram a restauração de L. R. Colegiada, pelo projecto apresentado pelo aguerrido e inolvidável deputado pelo círculo de Guimarães, o Conselheiro João Franco.

Ainda 3 anos depois, completava-se a lei destinada a conservar e a reorganizar a Colegiada e o seu Instituto de instrução gratuita.

Diz o opúsculo comemorativo das Festas Jubilares «que em 29 de Novembro de 1891 foi inaugurado o pequeno Seminário com a assistência de Suas Majestades, S. Ex.ª Rev.ª D. António Honorato, Ministro do Reino João Franco, vários dignitários da Côrte e Autoridades».

Assim foi conquistado o primeiro benefício para esta terra de nobres e gloriosas tradições e assim foi também — como o disse o saudoso Cônego Hermano — «que da fecunda inspiração Cristã surgiram essas catedrais, assombrosas de riqueza e paciência, em que a pedra e o mármore parecem ter-se tornado ductil para se vestir de rendas delicadas e desenhos caprichosos por onde passa o ciclar da prece.

Iniciada a reforma de instrução secundária de 95, um movimento de largo alcance se iniciou a favor da reorganização do Seminário em liceu nacional, levando a descer à liça os mesmos defensores de sempre, que conquistaram, em 16 de Setembro de 1896, a vitória almejada:

— Um Decreto transforma o Seminário em Seminário-Liceu, sem prejuizo do ensino preparatório para o curso eclesiástico ali ministrado. O aumento de despesa de todo o material necessário para o ensino das novas disciplinas, seria pago pelas receitas da Câmara Municipal de Guimarães.

As aulas principiaram, e o novo estabelecimento começou de recolher

honrosas referências oficiais e a aureolar-se da espiritualidade das academias realizadas no Seminário-Liceu, onde, em 1904, um estudante muito simples e delicado, reflectindo fulgurações de génio e primeiros de virtudes, dizia assim: — «Em Guimarães, recebi D. Afonso Henrique, com as águas baptismaes, a fé que o fez grande, a fé que, enformando o corpo tam pequeno de uma nacionalidade, a transformou no gigante das nações...»

Quis a Providência conceder-me o legítimo orgulho de ter encontrado este estudante entre os meus mais distintos alunos, e, volvidos tantos anos, recordo-o com admiração e respeito: — era o Manuel Gonçalves Cerejeira.

Catorze anos depois, mudadas as instituições e extintos o Seminário e a Colegiada, a estabilidade do Liceu correu perigo.

Dado o alerta, o então deputado por este círculo, Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida, a instâncias do Reitor, apresentou no Parlamento um projecto a propôr que os 2/3 do rendimento da Colegiada se tornassem em garantia da sustentação do Liceu, projecto esse que foi convertido em lei, no ano de 1913, sendo relator na Câmara dos Deputados, o Dr. Alexandre Braga.

Em Agosto de 1917, o saudoso professor, Cônego José Maria Gomes, arvorando-se em procurador da causa vimaranense, também no Parlamento erguia a sua voz e conseguia ver elevado à categoria de Central o nosso pequenino Liceu.

A serenidade entrou nos espíritos de todos e parecia que tudo corria bem, quando o reitor em exercício, ao estudar o orçamento da Câmara Municipal, verificou que este não comportava o suficiente para manter ilso o funcionamento do Liceu.

Após uma conferência tida com o vereador do pelouro da Instrução, Ex.º Sr. Dr. João de Almeida Júnior, resolveu-se confiar o delicado assunto às diligências dos dedicados deputados por este círculo, Lúcio dos Santos e Dr. Costa Cabral, a quem se deve a publicação da Lei N.º 1.178, que tudo aplanava, conseguindo restabelecer a confiança pela decisão do Estado em chamar a si os encargos do nosso primeiro estabelecimento de ensino.

E nisto se resume a vida do Liceu até àquela data em que me confiam a sua superior orientação. Terminei por agradecer as imerecidas palavras que me foram dirigidas e testemunhar perene gratidão aos que se dignaram vir de longada junto do velho mestre, fazendo-lhe viver os encantos de uma mocidade que, afinal, é vossa ainda.

Muito obrigado a todos e que Deus os recompense pela generosidade tida, levando a felicidade às vossas famílias. Tenho dito.

O discurso do Sr. Dr. Eduardo de Almeida

Dignou-se sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca enviar-lhe a sua bênção e a segurança do seu afecto; escupiui com magistéria pericia e subidua arte António de Azevedo seu busto, onde a contensa energia da face, em apurada austeridade, se tonaliza suavemente de vocativa afeição carinhosa, aquele seu ar de irmão mais sisudo e de leal conselheiro, os olhos se velam para melhor interrogar e a dôca sorri para dizer; traçaram-lhe outros o perfil de tão largos préstimos ao bem servir da sua terra natal, em estilo polido e rescedente ao espontâneo vício de todo o preto rendido e sincero; iluminou-se o verbo da justa consagração fervorosa na electrização subjungente de oradores consumados; desertaram da sua idade os mais velhos para virem remoçar, na comunhão espiritual da vida académica, com os escolares mais novos, não menos convictos e entusiasmados; vieram de longes terras e situações várias, comoromeiros em peregrinação devota, muitos dos muitos mais que de seu coração assistem a esta festa comvente: — seria talvez o momento, agora, nesta hora feliz que tão leve e ligeira vai a passar, de fazer descer uma larga chuva de muitas flores, aladas e vivas, onde, em frémitos inquietos e ansiados, por entre o sulco luminoso do arco-íris — o sol da alegria por entre a névoinha magoada de saudade —, revoassem também essoutras flores do nosso sentimento comum de gratidão, respeito e simpatia, a cobri-lo em magnífica apoteose desta consoladora homenagem.

Quão alvorçado e contente as cortaria e lançaria eu também do que foi o jardim do meu espirito, tão vicejante das mais formosas ilusões, se o não mirasse já definhado a fria aridez do outono inverneado de tantos anos gastos! Como no dizer, tão lindo, do inspirado Fernando Pessoa —

No entardecer da terra
O sópro do longo outono
Amareleceu o chão.
Um vago vento erra,
Como um sonho mau num sono,
Na lívida solidão.

Pobres fôlhas secas de flores mortas!
¿ Onde ir buscá-las, donde trazê-las,
sem me agoirar

Dolente na tarde calma
aquele planger fúnebre

Vibrante no céu aberto
em que

Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Crepúsculo de outono adezembreado. Voltam fôlhas esparsas. Sussurra, longe, em murmúrios de adeus, a água, mansa, quasi muda, em beijos de lágrimas... a água cheia de sede na longa estagiagem de tantos dias de jornada. Asas negras, morcegos, de feias nuvens, perpassam sombras no sanguíneo bronzeado, ao poente... As últimas fôlhas, e encarquidas, estremeçam no arripiar do vento da noite, que vem descendo... E este írio amargo de amarga desolação, acorda-me, não é bem a saudade, a esfumada memória, doce e triste, de um grande frio, mais pulsado e róseo, em outro crepúsculo, mas, esse, o alvarescente da mocidade, quando, nas árvores, reverdeciam as fôlhas novas e o loiro sol anunciava, no irradiar de côres mais fortes, vir cantar o seu hino de luz.

Foi então, naquele grande e tímido silêncio da alva indecisa, que se nos cerraram as grades do cárcere no estudo. Não se esquece jamais essa profundamente gélida impressão do rapazinho, desbordado pelas macias penas do seu ninho paterno, à imensa desolação ignota da sala de estudo. Este primeiro contacto áspero com a realidade incerta; a sub-consciência da consciência da própria, ainda indefinida, mas tangível responsabilidade; o convívio com outras sombras na sombra da aula, a espectralizá-las em companheiros ou em inimigos talvez; o severo peso do dever e o desconhecimento dos nossos recursos inexperimentados; o soluço do carinho afilto, mal contido pela vergonha, em que já havia a noção do pundonor; aquele dizer-se a criança a si mesma — Tem de ser! —, emburilhando-se e aquecendo-se na mancha de frio de tantos receios — são impressões que nunca se apagam da alma porque nela gravam a sua marca indelevel. E a argília, safada de qualquer torção, que vai plasmar-se. Na alma de uma criança, seja qual for e venha de onde vier, há sempre qualquer coisa de virginal e de puro, qualquer coisa que pode não ser o seu destino — a vida ainda é mais louca e assassina do que a morte —, mas é a sua alma, aquilo que do rapazinho devia fazer o homem, talvez apenas um segundo, e só, apenas um sorriso, um olhar, uma palavra, um acto, que transubstancia toda a luz da própria vida.

Lento mas persistente, o sol vem doirando a montanha. Bate-nos o coração no peito e lá fora trovam as aves e as côres. Os sonhos não são de noite, de noite são os pesadelos, os sonhos sonham-se nas horas luminosas da primavera. Inquieta, a imaginação voeja no céu azul, como rola a espuma das vagas no mar alto, e, diante dos olhos, em estonteio, se lêtras negras e duras dos livros implacáveis. São longos, enormes, arrastados, os minutos breves. Tôjas as janelas abertas não arejam a sufocação da nossa inquietude; vibra-nos pelo sangue a rescedência das flores e o trilo das aves; entre as noções, como abstractas, do estudo e do positivismo, como distante, dos conhecimentos adquiridos, alteiam-se e rumoreiam os surtos da fantasia. Aprender depressa, andar, depressa — o moço anseia ser homem. A vida seduziu-o como noiva linda e amada, a vida vai arrebatá-lo em seus braços, já o domina e venceu.

Esta efusão latejante, enquanto se opera o desenvolvimento físico da juventude para a adolescência, é a multiplicidade por assim dizer material ou fisiológica do grande anseio psíquico que em nós arde changejante como desejo aventureiro do ignoto. Queremos descobri-lo e conhecê-lo esse ignoto, que é o mistério da vida, mas, essencialmente, o mistério do drama de nossa própria vida. A instrução ensina-nos, sob diversos aspectos, as leis da natureza, do individuo e das sociedades humanas no correr dos séculos e das civilizações; amolda-nos ao contacto do ambiente — a terra —, do tempo — a vida —, e do meio — a sociedade actual —; sugere-nos as formas da actividade com suas características da tendência e emprego do esforço; põe em movimento e orienta as correntes de idéias do nosso espirito. Ela é, por isso, como o barro nas mãos do oleiro, fundamentamente, como o professor a transmite. O nosso trabalho molda-se pela sua forma de trabalhar, estimulando ou corrigindo as nossas intuições e faculdades, e assim saberemos ou não aprenderemos mais ou menos, melhor ou pior.

Cabem aqui algumas frases da magnífica *Oração aos novos Mestres*, proferida na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em Dezembro do ano passado, pelo Professor *Alceu Amoroso Lima*, da Academia Brasileira: «A medida da qualidade de um professor não é tanto a ciência que possui, como a ciência que sabe transmitir e sobretudo a consciência que sabe despertar. — Ensinar é civilizar. E civilizar é espiritualizar, portanto humanizar. — Ensinar não é obra de ciência, é obra de amor. A ciência sem consciência é fria e árida, pode ser cruel e mesmo negativa. A missão do professor é acima de tudo de ordem espiritual, pois visa também acima de tudo a plasmar um ser. — O aluno é a razão de ser do professor. E o professor é o artista que, até certo ponto, cria o aluno. — A vida heroica não está apenas na realização de feitos refulgentes e teatraes. O verdadeiro heroísmo, como a santidade autêntica, se manifesta muito mais no exercício obscuro das virtudes da vida quotidiana, de que na prática excepcional de acções que transcendam os limites da obscuridade.»

¿ Não concordam todos comigo em que nestas linhas se encontra fielmente pincelado o Professor José de Pina, aquele cuja luz de amor no ensino verdadeiramente nos ensinou e ainda hoje reflete, carinhosa e grata, em nossa sauidade ao relembrar-nos a vida escolar e aqui nos trouxe e fortemente nos coliga e em nesta saudação?

De entre os muitos telegramas e cartas recebidas, foi-nos possível tomar nota dos seguintes:

Major Mário Cardoso, de Chaves; dr. António Carneiro, conselheiro dr. Raúl Alves da Cunha, coronel Gaspar do Couto R. Vilas, dr. Crespo Guimarães, tenente Carlos Coelho, dr. Serafim Ferreira de Oliveira, dr. Feliciano Ramos, Joaquim A. César, engenheiro Duarte do Amaral, Alvaro da Silva Penafort, coronel Alves Viana, pintor Abel Cardoso, dr. António Cândido da Cruz Alvura, de Lisboa; coronel Alcino Machado, Henrique Machado, arquitecto Marques da Silva, Manuel da Costa Pedrosa, dr. Manuel Monteiro, dr. Silva Leal, dr. José Ferrão, Manuel Osório de Aragão, do Pôrto; dr. Alberto Feio e tenente-coronel António Q. Flores, de Braga; dr. Gaspar Gomes Alves, de Murça; Tomás Rocha dos Santos, das Taipas; Manuel Alves de Oliveira, dr. António Jesus Gonçalves e direcção da S. M. S. de Guimarães; José Leite da Silva, Artur Pinto Basto e João Sampaio, de Fafe; tenente-coronel Sousa Guerra, de Leiria; padre Maia dos Santos, de Santarém; padre Francisco Silva, padre Domingos Gonçalves, de V. N. de Gaia; dr. Nicolau Gonçalves, de Braga; padre Ernesto, dr. Joaquim, dr. Armindo e Carlos Alves de Araújo, de Famalicao; António Melo e Alexandrino Costa, idem; alferes Lopes Cardoso, de Lamego; dr. José Moura Machado, de Chaves; dr. Gabriel Faria, de Aveiro; dr. Gaspar Machado, do Pôrto; tenente-coronel Sousa Guedes, de Ermeizeiro; padre João Torcato, abade do Bom Jesus, Braga; padre Magalhães Costa, idem; dr. Luís Filipe Monteiro Pacheco, de Paredes; dr. Mariano Felgueiras, de Lisboa; dr. A. Gomes Alves, de Coimbra; dr. F. Carvalho Ribeiro, das Taipas; direcção do Externato de Fafe; A. J. Pereira de Lima, Alberto Vieira Braga, Luís Cardoso de Macedo e Menezes, tenente Guilherme Martins Gonçalves, António Alves M. Pereira e José F. S. Correia, de Guimarães; directora do colégio do S. C. de Maria, dr. Sebastião Cardoso de Menezes (Paço de Nespereira), arquitecto J. Sequeira Braga, Antão de Lencastre, dr. Carlos Saraiiva, idem; padre Ernesto Alves C. Araújo, de Famalicao; dr. João Antunes Guimarães, do Pôrto; escritor Sousa Costa, idem; Francisco A. Pereira da Costa, de Aveiro; D. Maria do Carmo P. da Cunha e Castro, D. Rosa e D. Ana Novais Teixeira, do Pôrto; Mário Augusto, idem; Domingos Gradinho, de Braga; dr. Luciano Faria Lima, dos Arcos de Valdevez; Bento Honorato de Oliveira, Fernando António P. Martins Fernandes, D. Maria Macrina Pastor Leite da Cunha, do Pôrto; António Carvalho, de Lisboa; Helder Rocha, de Coimbra; Alves de Moura, D. Maria Clementina Baptista, Alvaro Andrade Fonseca, António Lino, Joaquim Aires Gomes, Gil Varela, Mário Carneiro da Silva, Gaspar Amaral, João Germano Neves da Silva, de Lisboa; António J. Casaca, de Moura; Artur Santolha, do Caramulo; Fernando Casaca, de Evora; Rufino Esteves, D. Ana Maria Matos, D. Arminda Gama, Manuel Ferreira, Francisco Jacinto, do Pôrto; D. Georgina Mendonça e António Mendonça, dr. João Martins de Freitas, António Costa Carneiro, António Sousa Oliveira, de Vizela; Leopoldo da Cunha Matos, de Mautegas; António Assis Teixeira, de Coimbra; Armando Ribeiro da

Silva, de Viana-do-Castelo; Alberto de Faria, de Vizela; Luís Peixoto, de Felgueiras; Melo, 1.º comandante dos B. V. de Famalicao; José Narciso, de Viana-do-Castelo; Ernesto de Magalhães, de Viseu; António Felgueiras, das Caldas das Taipas; Sousa Machado, de Coimbra; Afonso Barbosa, de Matosinhos; Jorge Trancoso, de Alcântara; Manuel da Costa Lima, de Espôense; José Barros Carneiro, de Felgueiras; José Timóteo Montalvão Machado, de Chaves; João Seixas Madeira Pinto, de Vila-Real; Guilherme Lickfold, de Felgueiras; comandante dos B. V. da Póvoa de Varzim; Artur Azevedo, de Fafe; major Alberto Margaride, do Pôrto; Auspício Ferreira, de Felgueiras, etc., etc.

NOTAS — As fotografias que ilustram hoje o nosso jornal, foram-nos oferecidas pelo nosso bom amigo e hábil fotógrafo, sr. Manuel Alves Machado.

Qualquer pessoa que deseje adquirir alguma das fotografias tiradas por ocasião da festa de homenagem ao prof. José de Pina, pode dirigir-se à «Foto-Beleza, Guimarães».

O salão onde se efectuou a sessão solene, no Liceu de Martins Sarmento, ostentava uma decoração sôbria mas vistosa, do conceituado armador sr. João Augusto Passos, que ofereceu os seus serviços à comissão.

O nosso director representou no banquete o illustre magistrado sr. dr. António A. da Silva Carneiro que, não obstante estar inscrito, não pôde comparecer.

Também o sr. dr. Mário Dias de Castro, representava, nas mesmas condições, o seu distinto colega sr. dr. Francisco P. de Carvalho Ribeiro.

Homenagem ao Prof. José Pina

Concluimos hoje a publicação dos nomes dos antigos alunos do Professor José de Pina, que se inscreveram para a homenagem que lhe foi prestada no passado domingo, nesta Cidade, por iniciativa do «Notícias de Guimarães»:

João Cardoso Martins de Menezes, Dr. Adriano F. de Azevedo, St.ª Tirso; António Matos da Silva Neto, Freamunde; João Maria Martins de Sequeira Braga, João Martins Aldão, Manuel Marques, Dr. Adelino Ribeiro Jorge, Eduardo Pizarro de Almeida, Arnaldo Monteiro Borges de Araújo, de V. N. de Sande; Gaspar P. L. Magalhães e Couto, Aprijo da Cunha Guimarães, do Pevidém; Dr. Cristiano Borges de Araújo e sua esposa, do Marco de Canavezes; Fernando Luís Ribeiro Pouzada, Dr. Artur Anselmo, de Monção; D. Palmira Meireles, de Louzada; Dr. José Cardoso de Miranda, Alexandre da Silva Teixeira, Dr. Délio Santarém, Alfredo de Andrade e Dr. José Vieira, de St.ª Tirso; Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, Tenente Guilherme Martins Gonçalves, Francisco Ramos Martins Fernandes, José Ramos Martins Fernandes, Dr. Gaspar Machado, do Pôrto; Luís Filipe Monteiro Pacheco, de Paredes; Tenente-Coronel M. Sousa Guedes, de Bragança; David de Castro, de Fafe, e Padre Constantino Cândido de Castro (Abade de Fontoura), Valença.

Quintas — Vendem-se

com o rendimento de 14, 6, 11, 10, 8, 15 e 3 carros de medidas de 20 litros, com casas de seuhor e caseiro, estradas à porta e servidas por meios de transporte.

Tratar com **Martinho da Silva**.

Uma festa na L. O. Católica

A Liga Operária Católica desta cidade comemorou congnidamente o dia da Imaculada Conceição, Excel-sa Padroeira de Portugal. Na sessão solene, realizada na sua sede, e que teve muita assistência, fez a sua anunciada conferência o illustre Conservador do Registo Predial Sr. Dr. Teixeira Pita, que apresentou um trabalho revelador das suas qualidades de erudição e dos seus sentimentos católicos. O distinto orador foi muito aplaudido. Em antes o nosso amigo sr. João Xavier de Carvalho leu uma interessante poesia da sua autoria, «Padroeira da Pátria», e seu filho recitou também a poesia «Minha Mãe», sendo ambos muito aplaudidos. Seguiu-se a «Apoteose à Virgem», entre acto desempenhado por crianças.

Presidiu o venerando Arcipreste de Guimarães, Rev. João do Carmo da Cruz Magro e abrilhantou a sessão um dueto musical composto pelo senhora D. Margarida Policarpo e pelo Sr. António Guise.